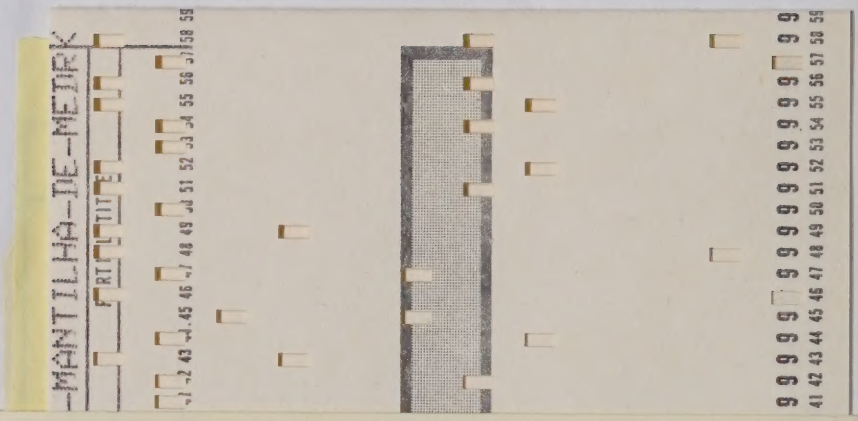
PQ9261
.C4
M3



THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.C4
M3

a 00001 40897 0

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

A MANTILHA DE MEDRONHOS

POR

EUGENIO DE CASTRO

A

MANTILHA DE MEDRONHOS

OBRAS POETICAS DE EUGENIO DE CASTRO

Cristalisações da Morte, 1884. 1 vol.
Canções d'Abril, 1884. 1 vol.
Jesus de Nazareth 1885. 1 vol.
Per umbram, 1887. 1 vol.
Horas tristes, 1888. 1 vol.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900. 1 vol.
Horas, 1.ª edição 1891 ; 2.ª edição, 1912. 1 vol.
Silva, 1.ª edição, 1894 ; 2.ª edição, 1911. 1 vol.
Internulio, 1.ª edição, 1894 ; 2.ª edição, 1911. 1 vol.
Belkiss, 1.ª edição, 1894 ; 2.ª edição, 1910. 1 vol.
Tiresias, 1894. 1 vol.
Sagramor, 1895. 1 vol.
Salomé e outros poemas, 1.ª edição, 1896 ; 2.ª edição, 1911 1 vol.
A Nereide de Harlem, 1896. 1 vol.
O Rei Galaor, 1897. 1 vol.
Saüdades do Céu, 1899. 1 vol.
Constança, 1900. 1 vol.
Depois da Ceifa, 1901. 1 vol.
Poesias escolhidas, 1902. 1 vol.
A Sombra do Quadrante, 1906. 1 vol.
O Annel de Policrates, 1907. 1 vol
A Fonte do Sátiro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, 1909.
O Filho Pródigo, 1910.
O Cavaleiro das Mãos Irresistiveis, 1916.
Camafeus Romanos, 1921.
A Tentação de São Macário, 1922.
Canções desta negra vida, 1922.
Cravos de Papel, 1922.

No prelo :

Descendo a encosta.
A Caixinha das cem conchas
Chamas duma candeia velha

C PQ7261
.C4
M3

A MANTILHA DE MEDRONHOS

IMPRESSÕES E RECORDAÇÕES DE ESPANHA

POR

EUGENIO DE CASTRO

Correspondente da Real Academia Espanhola,
Da Real Academia de Belas-Artes de S. Fernando
e da Real Academia Galega.

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

«LVMEN»
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA
LISBOA — PORTO — COIMBRA
—
1923

Desta edição fez-se uma tiragem especial de quinze exemplares numerados, sendo dez em papel Whatman (n.os 1 a 10), e cinco em papel Ingres (n.os 11 a 15), todos rubricados pelo autor.

A

SUA MAJESTADE O REI DE ESPANHA

D. AFONSO XIII,

COMO RECORDAÇÃO DO DIA 13 DE MARÇO DE 1922

EM QUE TIVE A HONRA DE SER RECEBIDO

NO REAL PALÁCIO DO ORIENTE,

OFEREÇO, DEDICO E CONSAGRO ÊSTES VERSOS

ESCRITOS EM LOUVOR DO GLORIOSO REINO

QUE TÃO GALHARDAMENTE

OSTENTA NAS CORES DA BANDEIRA NACIONAL

O OIRO PURO DO SEU GÉNIO

E

O SANGUE ARDENTE DA SUA ALEGRIA.

E. DE C.

OLÉ, OLÉ, SALERO!

Ao Marquês de Quintanar, Conde de Satibañez del Rio.

Avec une mantille, il faut qu'une femme soit laide comme les trois vertus théologales pour ne pas paraitre jolie.

Théophile Gautier — *Voyage en Espagne*.

OLÉ, OLÉ, SALERO!

De medronhos compus farta mantilha,
Para alindar com ela a minha Musa:
Portuguesa, parece uma andalusa,
Envolta em rico chaile de Manilha.

Canta, ao som da bandurra, a seguidilha,
E não os fados da tristeza lusa;
Repica as castanholas; e, confusa,
Vê morrer um toureiro entre a quadrilha.

Tráz pente de rendada tartaruga,
E na bôca subtil, que me subjuga,
Do pimentão avivam-se os ardores;

Pus-lhe nas mãos um leque, e nos cabelos
Grandes cravos vermelhos e amarelos,
Da espanhola bandeira ardentes côres!

MADRID

I

ROSAS E LARANJAS

A D. Antonio Maura y Montaner, Presidente da Real Academia Espanhola.

El aire de Madrid es tan sutil, que mata á un hombre y no apaga a un candil.

Hasta el cuarenta de Mayo no te quites él sayo.

Provérbios populares.

MADRID

I

ROSAS E LARANJAS

Março. Doideja no ar a guieira fina,
Que entre as nuvens dormiu do Guadarrama...
Dia doirado e azul. O sol derrama
Brando afago, que as almas ilumina.

Na rua a turba rápida e ladina
Gesticúla, sorri, move-se e clama.
Por toda a parte flor's; e, ateada chama,
É a rosa encarnada que domina.

Vê-se que um sangue alegre flui nas veias
Dêste povo ditoso, que disfruta
Um, de riqueza e paz, duplo tesoiro ;

E, de laranjas totalmente cheias,
As tendas aromáticas de fruta
São ourivesarias cheias d'oiro.

MADRID

II

EL RASTRO

A D. Ramiro Maeztu.

Le Rastro est un des plus grands marchés de bric-à-brac du monde...

K. Bædeker — *Espagne et Portugal.*

Más que el aspecto ético del Rastro nos interesa el psicológico... Oh muebles viejos y respetables !... Oh mil diversos trebejos y apatuscos ! Vosotros habéis sido los compañeros, los amigos, los confidentes de hombres y mujeres que habrán desaparecido en las lejanías de lo pretérito.

Azorin — *Madrid: Guia Sentimental.*

MADRID

II

EL RASTRO

Domingo. Arfam, do norte, aragens frias,
Mas o sol tem sorrisos e abençôa...
O *Rastro* é, em Madrid, o que em Lisboa
Foi a *Feira da Ladra* em velhos dias.

Mercado singular! Quinquilharias,
Velhos Cristos sem cruz, Virgens sem c'rôa,
Uma viola fendida, que não sôa,
Rachadas loiças e farraparias...

E tudo isto se vende, Deus louvado!
Todo êste lixo atrai olhos arfantes
Como um narciso atrai chusmas d'abelhas!

E eis que me creio, em sonhos, num mercado,
Onde os pobres d'amor compram amantes,
Que foram d'outros, e que já estão velhas!

MADRID

III

NUESTRA SEÑORA DE LAS COMUNICACIONES

A D. Manuel Cossio.

Alguém, referindo-se ao gigantesco Palácio dos Correios, de Madrid, que fica perto do Museu do Prado, pitorescamente o denominou: *Nuestra Señora de las Comunicaciones*.

Apontamento duma carteira de viagem.

MADRID

III

NUESTRA SEÑORA DE LAS COMUNICACIONES

Sôbre os verdes do *Prado*, ergue-se altivo
Este novo Escorial no céu risonho,
E eu, que em Madrid sei que estou, suponho
Que na perversa Babilonia vivo.

Monstro de pedra, tornam-me cativo
De mêdo as suas proporções de sonho!
— « Que divindade (a perguntar me ponho,)
Se adora aqui ? » E dêle, a ansiar, me esquivo.

— Catedral-pesadêlo dos correios,
Que em comunhão repartes estampilhas,
Embora, de mo ouvir, despeitos masques,

Confesso-o, não te admiro! Os meus anseios
Correm para a outra Sé, que perto humilhas,
E onde fulgura o altar de São Velasquez.

EL ESCORIAL

A D. Elias Tormo.

On y compte : 16 cours, 40 autels, 2673 fenêtres (dont 1562 donnent sur les cours) 1200 portes, 86 escaliers et 89 jets d'eau.

K. Bædeker — *Espagne et Portugal.*

Il y a, dit-on, mille cent dix fenêtres seulement à l'extérieur, ce qui cause un grand étonnement aux bourgeois ; je ne les ai pas comptées, aimant mieux le croire que de me livrer à un pareil travail ; mais il n'y a rien là d'improbable, car je n'ai jamais vu tant de fenêtres ensemble . . .

Théophile Gautier — *Voyage en Espagne.*

EL ESCORIAL

Silva o comboio. Acórdo estremunhado.
Vejo o relójio : é o Escorial talvez...
Assim é. Com funerea lividez
O luar branqueia um solo desolado.

Ergo-me, enxugo o vidro embaciado
Da portinhola. Um alto e ruivo inglês,
De Bædeker na mão, com fixidez
Olha p'ra fóra, atletico, a meu lado.

Entramos nas agulhas. Baixo e fino,
O nevoeiro da manhã, que aclara,
Peneira a luz das pálidas estrêlas...

E o granitico monstro filipino,
Envolto em bruma azul, dela me encara
Com o filipino olhar de mil janelas.

TOLEDO

I

AO ESPÊLHO

A D. Luís Romano.

Más aún que las desviaciones de la longitud anatómica del cuerpo, aparentemente arbitrárias, chocan al que contempla los cuadros del Greco, las innumerables *violaciones* de la simetria del cuerpo humano, respetada siempre por el arte. La más sorprendente es la de la simetría de las dos mitades de la cara, que inmediatamente salta a la vista en las figuras. Una bôca oblicua no es rara; un ojo se desvía frecuentemente del otro y se halla colocado a distinta altura; la nariz se encuentra inclinada, frecuentemente, hacia un lado, y es irregular; hasta sucede que una mitad entera de la cara parece haber sufrido una deformación total con respecto a la otra.

D. Katz — *Fué el Greco astigmatico*
trad. de J. V. Viqueira.

TOLEDO

I

AO ESPÊLHO

Antes do meu almôço, à Sé fui dar;
Na capela mosarabe ouvi missa...
Veio o calor depois, veio a preguiça,
E à *fonda* recolhi, p'ra descansar...

A ler Cervantes, mal senti no ar,
Com pés de fôgo, a tarde abafadiça...
Mas já refresca, e a aragem movediça
Agita, no quintal, roupa a secar...

Visto-me p'ra saír... Porém, de lata
Me parece êste espêlho, onde o que acusa
É do que eu sou, desafinado éco...

Das feições o equilibrio disparata!
Sou eu, com todo o ar da gente lusa,
Sou eu... mas eu pintado pelo Greco!

TOLEDO

II

ORCHATA DE CHUFAS

A António Sardinha, para o seu livro Na Côrte da Saüdade.

...la *plaza de Zocodover* ou *de la Constitution,* place au centre du mouvement. Le nom de Zocodover dérive dans sa première partie de l'arabe « soûkh » (marché).

K. Bædeker — *Espagne et Portugal.*

TOLEDO

II

ORCHATA DE CHUFAS

Uma tarde revivo de há cinco anos,
Lendo êstes versos, que hábil mão segura
Fez irmãos, p'la subtil cinzeladura,
Dos tauxiados aços toledanos.

Toledo! Chamas no ar... Dois franciscanos
Fogem do sol, que os queima na tonsura...
Na Catedral, que paz e que frescura!
Passa um tropel de norte-americanos...

São João dos Reis, jardim petrificado!
O Tejo e o Greco! Em senhoril meneio,
Cheirando nardos, que gentil mulher!

E emfim, de tanto ver, extenuado,
Uma orchata de chufas saboreio
Sob a arcaria do Zocodovér...

SALAMANCA

A D. Miguel de Unamuno.

L'Espagne semble avoir été de tout temps le pays par excellence des armes du fer.

Baron Ch. Davillier — *Les Arts décoratifs en Espagne.*

O primeiro dêstes edificios deve o seu nome às conchas levantadas na pedra que taxeam as duas paredes do exterior, quebrando-lhes a monotonia das grandes superficies lisas, e concorrendo com o seu volume arredondado para suavissimos efeitos de luz e sombra, na tonalidade alourada da pedra. As janelas, de traçado que faz lembrar o arabe, são graciosissimas, os balcões de ferro forjado verdadeiros prímores de serralheria . . .

Lino da Assunção — *Em Hespanha*

SALAMANCA

No *Palácio das Conchas* há uma grade
Forjada em ferro com primor tamanho,
Que, sem ofensa às duas Sés, a tenho
Pela mais linda joia da cidade.

Ferreiro que fez tal preciosidade,
Conscio do seu nunca igualado engenho,
Fê-la, num altivo, olímpico arreganho,
Para abater dos homens a vaidade.

— « Metal (disse êle,), não o há vil nem nobre!
« Tudo é metal: o oiro, o ferro e o cobre...
« Sómente a Arte em fidalguia o investe!

« Como os homens: nem nobres nem plebeus!
« Nascem nus todos! E, ante o olhar de Deus,
« Só o Génio ou o Amor de lhama os veste! »

LA FLECHA

A D. Luís Maldonado.

Del monte en la ladera
Por mi mano plantado tengo un huerto,
Que con la primavera,
De bella flor cubierto,
Ya muestra en esperanza el fruto cierto.

Y como codiciosa
Por ver e acrecentar su hermosura,
Desde la cumbre airosa
Una fontana pura
Hasta llegar corriendo se apressura ;

Y luego, sosegada
El paso entre los árboles torciendo,
El suelo de pasada
De verdura vistiendo,
Y com diversas flores va esparciendo.

Fray Luiz de León — *La vida del campo.*

A cosa de una legua larga de la ciudad de Salamanca, junto al viejo camiño real de Madrid, y á orillas del claro Tormes, se encuentra el deleitoso paraje de la Flecha, cuyo sosiego cantó el maestro Fray Luis de León.

D. Miguel de Unamuno — *Paisajes.*

LA FLECHA

Sob um céu de purissima safira,
Onde o sol na agonia se extenua,
De Salamanca na charneca nua
Êste oasis no Tormes se remira.

Aqui, Frei Luís de Leão, tangendo a lira,
Cujo éco ainda nas almas se insinua,
E a cátedra trocando p'la charrua,
Do mundo se alheava que delira.

Acolá mana ainda a *fonte pura*,
Que êle cantou em místico remonte,
Com os olhos da alma em Deus imersos...

Releio essas estrofes com ternura,
E sinto, ao saborear a água da fonte,
Que estão tão frescos como a água os versos!

CORDOBA

A D. Eugénio d'Ors.

. . . un *patio* entouré de colonnes de marbre blanc coiffées de chapiteaux moresques provenant sans doute de la démolition de quelque ancien palais arabe. Un petit bassin à jet d'eau, creusé au milieu de la cour, y entretenait la fraîcheur . . . C'est là que nous prenions nos repas, que nous lisions, que nous vivions. Sans le *patio*, disposition architecturale qui rappele l'ancien *cavædium* romain, les maisons d'Andalousie ne seraient pas habitables.

Théophile Gautier — *Voyage em Espagne*

CORDOBA

Cordova, a rica Meca do Ocidente,
Onde Lucano viu a luz do dia,
Mantem-se mestra de sabedoria,
Sisudo aviso de insensata gente.

Vista do exterior, ninguem pressente
Da mesquita a fantástica arcária,
Seus mosaicos de acêsa pedraria,
Suas selvas de pórfiro explendente.

Ruas desertas, d'altos muros, onde
Os portais deixam ver pátios discretos
Com palmeiras, jasmins, nardos em flor

E repuxos dizendo : — « O sábio esconde
No mesmo saco o oiro e os seus afectos :
Só se é feliz na vida interior ! »

GRANADA

A D. Juan Ramón Jiménez.

L'Alhambra ! L'Alhambra ! palais que les génies
Ont doré comme un rêve et rempli d'harmonies :
Forteresse aux créneaux festonnés et croulants,
Ou l'on entend la nuit de magiques syllabes,
Quand la lune, à travers les mille arceaux arabes,
Sème les murs de trèfles blancs !

VICTOR HUGO -- *Les Orientales.*

...Boabdil, *el rey chico,* comme on l'appelait à cause de sa petite taille, a poussé hors de Grenade conquise ce gémissement historique, *suspiro del Moro,* qui a baptisé un rocher de la Sierra d'Elvire.

THÉOPHILE GAUTIER — *Voyage en Espagne.*

GRANADA

Serra Nevada! Alhambra! Lindo céu!
Depois de há muito tempo aqui ter estado,
Aqui estou outra vez, triste e cansado ...
Vós não mudastes! Quem mudou fui eu!

No *Pátio dos Leões* me apareceu
Certa inglezinha então... Como um criado,
Pus-me a segui-la, humilde e apaixonado...
Hoje, outra vi... mas não me comoveu ...

E a d'hoje era no entanto mais gentil
Que a de há vinte anos : tez albirosada,
Doiradas tranças, lábios de medronhos...

Ambos expulsos fomos, Boabdil!
Tu da radiosa Alhambra de Granada,
E eu da radiosa Alhambra dos meus sonhos!

SEVILHA

I

A LOS TOROS!

A D. Juan G. Olmedilla.

Quien no ha visto Sevilla,
No ha visto maravilla !

Proverbio espanhol.

SEVILHA

I

A LOS TOROS!

Fui ao Museu ver Zurbaran. Fervilha
Na estreita *Sierpes* o povinho. Agora
Vou almoçar na casa acolhedora
Dum amigo meu, marquês de Bobadilha.

Almoça-se no pátio, onde rebrilha
Um cantante repuxo que o sol doura,
E, entre azulejos, a marquesa loura,
Põe um cravo nas rendas da mantilha...

Lauto banquete : ameijoas, pimentões,
Arroz com açafrão, vitela, frutos,
Vinho de Rioja, dôces, graças, risos...

Mas vamos à toirada! Saudações.
O marquês distribui grandes charutos,
E, a trote largo, abala o trem com guizos...

SEVILHA

II

ESCLAVITUD, A CIGARREIRA

A D. Alejandro Padilla, Ministro Plenipotenciário de Espanha em Lisboa.

Pâle éternellement...

Louis Bouilhet.

SEVILHA

II

ESCLAVITUD, A CIGARREIRA

Esclavitud, a cigarreira, filha
Dum duque e duma errática cigana,
Sendo a mais linda e esbelta sevilhana,
É a mulher mais triste de Sevilha.

Co'a cornada dum boi numa virilha,
Morreu-lhe o noivo, oleiro de Triana,
E p'lo noivo gentil, de que era ufana,
Eternos lutos veste, de escumilha.

Os estrangeiros, vindo da Giralda,
De Santelmo e da Casa de Pilatos,
Quando ela sai da fábrica, vão vê-la,

E ante os seus tristes olhos de esmeralda,
Em longas alas, pasmam, timoratos,
Dessa viuvez tão tristemente bela!

MALAGA

A D. Enrique Diez Canedo.

Le *Gibralfaro* (arab. *djebel* montagne, grec *pharos* phare) était la véritable citadelle de Malaga et l'est encore . . . Quand le temps est très clair, on aperçoit même la Sierra Bullones, près de Ceuta, en Afrique.

K. Baedeker — *Espagne et Portugal.*

MALAGA

Em Malaga, entre vinhas e pomares,
Sôbre o Mediterrâneo, há uma colina,
Donde em claras manhãs se descortina
Ceuta, a Ceuta da gloria e dos azares.

— « Não a vês ? » diz-me alguem. Os meus olhares
Debalde a querem ver na manhã fina ;
Mas atravez da aquática neblina,
Só uma longínqua sombra vi nos ares...

Na minha vida, longa já, tambem
Mais duma vez me tem gritado alguem :
— « Olha ! Olha a Ventura ! Lá vem ela ! »

Quero em astros mudar os meus abrolhos,
Quero a Ventura ver ! E, abrindo os olhos,
Vejo-lhe a sombra, mas não lógro vê-la !

MÉRIDA

I

AS CEGONHAS DO AQUEDUTO

A D. Ramon Pérez de Ayala.

Fué esta familia (Vera) muy importante en la Edad-Media, com fama creciente, hasta alcanzar el título de conde de la Roca en 1628 y el de duque en 1793. Consérvase en Mérida, aunque muy deteriorado, su palacio.

Enciclopedia Universal Ilustrada.

MÉRIDA

I

AS CEGONHAS DO AQUEDUTO

Mérida, a *Augusta Emerita* romana,
Foi bêrço e residência, noutras eras,
De ilustre gente minha, os nobres Veras,
Orgulho e flor da côrte castelhana.

Foi rica e bela; mas ventura humana
É sempre a virgem condenada às feras!
E agora, p'lo rigor de leis severas,
Mira-se, velha e triste, no Guadiana...

Sôbre o seu aqueduto, hirtas, bisonhas,
Alçam-se, num pé só, alvas cegonhas
Abismadas em lugubres tristezas,

E que fazem lembrar bisonhos sábios
Scismando, quedos, sem abrir os lábios,
Na vaidade de todas as grandezas!

MÉRIDA

II

UM ANTEPASSADO

A D. Antonio G. Solalinde.

...Gonçalo Ruiz de Sandoval, llamado rostro de Puerco, que fue Comédador de Merida y Montanches, y despues Comédador mayor de Castilla.

Alonso Lopez de Haro — *Nobiliario Genealogico.*

MÉRIDA

II

UM ANTEPASSADO

Folheando êste vetusto memorial,
D'alta prosápia venerando objecto,
Vejo que sou décimo quarto neto
De Don Gonzalo Ruiz de Sandoval.

Esse avô meu, fidalgo principal,
Fulgio na hispana côrte, e sempre afecto
Ao cesareo poder, findou repleto
De honrarias e bens. Feliz mortal!

De Mérida e Montanches, teve o gôsto
De possuír as comendas; mas seu rôsto
De angélicas feições não se compunha,

Visto que o velho Alonso Lopez de Haro
No seu curioso livro, hoje bem raro,
Ventas de porco o nomiou, de alcunha.

BADAJOZ

A D. Andrés Gonzalez Blanco.

De noche todos los gatos son pardos.

Provérbio espanhol.

BADAJOZ

Em Badajoz três vezes já parei,
Mas sempre à noite, e sempre de passagem :
Do fronteiriço burgo a incerta imagem,
Por mais que a evoque, descrever não sei.

Ruas estreitas, comprimida grei,
A ponte, um arco de pedra na portagem,
A Sé morena, a tôrre de menagem,
Tudo entre vagas sombras divisei...

Assim, de Bajadoz, tenho a brumosa
Ideia, que um amante deve ter
Da mulher que êle, em íntimos anhelos,

Beijou, por noite escura e misteriosa,
Na espessura dum bosque, sem saber
Se eram de ébano ou d'oiro os seus cabelos...

TUY

I

A PONTE DO MINHO

Ao Marquês de Figueroa.

Valença do Minho (buffet), ville et forteresse sur le Minho. Elle est reliée par un pont avec la ville espagnole de Tuy.

TUY

I

A PONTE DO MINHO

Numa tôrre da Sé, das águias ninho,
Ólho a paisagem de beleza estranha :
Vejo ali Portugal, e estou em Espanha,
Lá está Valença, e em baixo corre o Minho.

Terras irmãs, com fraternal carinho,
Uma retrata a outra ; e o sol, que as banha,
Loira mãe, com os olhos acompanha
As duas gémeas no infantil bercinho.

No vale, a ponte, que une os dois paizes,
Lembra-me o emblema, que é freqüênte ver
Nas missivas d'amor, do amor que inquieta

Ternos amantes na paixão felizes,
Emblema em que há dois corações a arder,
Atravessados pela mesma seta.

TUY

II

PADRES, PADRES, PADRES ...

A D. Francisco A. de Icaza.

Este Pedro Alvarez fué despues Conde de Camiña: llamábanle Pedro Madruga, *por que madrugaba mucho quando facia sus cabalgadas.*

VASCO DE APONTE — *Relacion de algunas cosas y linages del Reino de Galicia.*

TUY

II

PADRES, PADRES, PADRES ...

Um avô meu dizia-se parente
Dêsse Pedro Madruga, que algum dia
Numa jaula meteu, qual rês bravia,
De Tuy um velho bispo renitente.

Chego a Tuy. Na estação, ao sol ardente,
Dez padres, e mais seis na hospedaria ...
Vou ver a Sé: padres na escadaria,
A subir e a descer, torrencialmente.

Entro na igreja : padres às centenas :
Um carrega o sobrolho, outro sorri,
Este demora o passo, aquele o estuga,

Um é calvo, outro tem fartas melenas...
O diacho é se algum, vendo-me aqui,
Me suspeita parente do Madruga!

VIGO

A D. Juan José Garcia, ferreiro e ourives, desenhador e mosaista, que, pela multiplicidade das suas aptidões admiráveis, bem merecia ter vivido na côrte florentina dos Medicis.

A l'E. de l'Alameda la *calle del Arenal*, rue animée, longe le port, avec vue de plus en plus dégagée sur la baie de Vigo jusqu'aux îles Cìès.

K. Baedeker — *Espagne et Portugal.*

VIGO

Radiosamente, ao despontar do dia,
Picadas pelo sol, que as borda d'oiro,
Fremem num ardente e inquieto fervedoiro,
Verdes e azuis, as águas da baía.

Um cruzador inglês com galhardia
Levanta ferro e sai do ancoradoiro :
Vai para o Oriente... A vaga, como um toiro,
Na fleugmática nau marra, bravia.

Ai ! quem me dera ir ver, se fôsse outrora,
Naquele barco, as regiões da aurora,
A Arábia, a Índia, o Cáucaso, a Judeia !

Mas hoje, fatigado, apenas digo,
Olhando os montes, que defrontam Vigo :
— « Que bom ! viver ali, em quieta aldeia . . . »

PONTEVEDRA

A D. José Manuel Bartolomé, Reitor do Colégio de Santo Ambrósio de Salamanca, onde fui principescamente agasalhado em setembro de 1909.

Pontevedra é boa villa,
Dá de beber á quem pasa...

Cantiga popular galega.

.....

Ese idioma, compendio d'os idiomas,
Com'onha serenata pracenteiro,
Com'onha noite de luar docísimo,
Será — qué outro sinon ? — será o gallego.

.....

Idioma en que garulan os paxáros,
En que falan os ánxelos ós nenos,
En qu'as fontes solouzan e marmullan
Entr' os follosos álbores os ventos.

M. Curros Enriquez — *Aires d'a miña terra.*

PONTEVEDRA

Festas da *Peregrina*. Apenas chego,
Sei que não há no hotel um só logar.
Na rua, ao sol, a multidão é um mar
Em maré de febril desassossêgo.

Uma igreja visito. Compro a um cego
Bilhete para os toiros. Troam no ar
Morteiros; e no estanco, onde vou dar,
Oiço (estarei no céu?) falar galego.

Compota amorosissima de rosas,
Cheio de desinencias carinhosas,
O galego é uma lingua apaixonada,

Um quase português d'anjo estrangeiro...
E a admirar a sobrinha do estanqueiro,
E a ouvir galego... foi-se-me a toirada!

SANTIAGO DE COMPOSTELA

A D. Francisco Maldonado.

Lucen constantemente, de dia y de noche, cuatro velas ante el santo Apóstol desde que, gracias á su amparo poderoso, Alfonso XI de Castilla dejó teñidas de sangre africana las aguas del Salado (1340).

FERNÁNDEZ SANCHEZ e FREIRE BARREIRO — *Guia de Santiago.*

SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mostra-me o sacristão, que me acompanha,
A imagem de São Tiago no altar-mór,
E fala... fala... sendo o falador
Mais caudaloso da verbosa Espanha.

— « A luz (diz êle,) que esta imagem banha,
« Mantém, desde o Salado, o seu ardor,
« Desde que o Santo, nosso protector,
« Nos deu contra a mourisma heroica sanha ! »

Uma luz secular! A fé tem disto:
Quando é pura, quando é a fé de Cristo,
Deroga as leis da humana ingratidão.

Filosofos sem luz nas almas frias,
Qual foi de vós que, a acastelar teorias,
Acendeu luz de tanta duração?

LA CORUÑA

A D. Andrés Martinez Salazar.

Ouh, meiga cibdá d'a Cruña,
Cibdá d'a torre herculina . . .

M. Curros Enriquez — *Aires d'a miña terra.*

Respecto de esta torre hubo la creencia popular de que en ella existia un maravilloso espejo en el cual se podia ver todo cuanto pasaba en el mundo, aun en las tierras más lejanas.

Enciclopedia Universal Ilustrada.

LA CORUNA

No azul do céu riscado p'las gaivotas,
De Orzan doirando a cérula baía,
Ergue-se a *Tôrre de Hercules,* e guia
As naus em suas humidas derrotas.

Ela, que orientou fenícias frotas,
E luz agora como então luzia,
Segundo a lenda conta, possuia
Mágico espêlho, em épocas remotas.

Via-se nêsse espêlho retratado
Tudo o que nêste mundo de incertezas
Se ia passando, próximo ou distante...

Mas o espêlho perdeu-se, ou foi quebrado
Por quem viu nêle quantas mil tristezas
Cabem chorosas no dedal dum instante!

ORENSE

A D. Alberto Jiménez, Presidente da Residencia de Estudiantes *de Madrid, onde, em Março de 1922, tão carinhosamente fui hospedado.*

. . . . . .

¿Cando n'as festas maores
Era esperado o gueitero,
Botábanll'as nenas frores,
Ledas copras os cantores,
Foguetes o fogueteiro.

. . . . . .

Traz d'él, en longa riola,
D'a galta o campás levando
Con infernal batayola,
Iban correnḍ'e choutando
Os rapaciños da escola.

. . . . . .

Que Orfeo se lle igualaba,
Si, mesmo dentro d'o fol
Que c'o cóbado apertaba,
Parecía que cantaba
Escondido um rousinol ?

M. Curro Enriquez — *Aires d'a miña terra.*

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ÊSTE LIVRO AOS QUINZE
DIAS DO MÊS DE ABRIL
DE MIL NOVECENTOS E
VINTE E TRÊS NA TIPO-
GRAFIA DA «LVMEN»,
EMPRESA INTERNACIONAL
EDITORA, SITA À RUA DE
FERREIRA BORGES, NÚMERO
CENTO E TRÊS, NA CIDADE
DE COIMBRA.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00001408970